

LAMPIÃO DA ESQUINA E OS RETRATOS QUE NÃO SE APAGAM

INTRODUÇÃO

O *Lampião da Esquina* consolidou-se como o primeiro jornal de circulação nacional no Brasil produzido por e para homossexuais, inserindo-se no campo da imprensa alternativa. Publicado entre abril de 1978 e julho de 1982, destacou-se pelo tom irreverente e provocativo, assumindo posicionamentos críticos ao machismo, à homofobia, ao racismo e às diversas formas de violência intensificadas no contexto da ditadura militar. Suas páginas deram visibilidade a narrativas e debates que não encontravam espaço nos veículos comerciais tradicionais.

O periódico foi elaborado majoritariamente por autores homossexuais residentes nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, provenientes das áreas do jornalismo, das letras e das artes. Entre seus colaboradores estavam Aguinaldo Silva, Adão Costa, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antônio Mascarenhas, o artista plástico Darcy Penteado, o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet, o escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry. Ao longo de suas edições, o jornal veiculou denúncias, artigos, colunas, reportagens e produções visuais, configurando-se como um importante espaço de intervenção cultural e política no século XX.

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre o *Lampião da Esquina* enquanto instância de representação e crítica das identidades sexuais de seu tempo. Nesse sentido, os estudos do antropólogo e escritor Edward MacRae (2018) contribuem para a compreensão do caráter ativista do periódico, especialmente ao evidenciar as estratégias de enfrentamento à censura e às repressões sofridas durante sua circulação.

Uma das transformações importantes que ocorriam na época dava-se na imprensa, onde, desde a instalação do regime militar, um severo controle oficial era exercido sobre tudo o que se publicava. Para escapar dos rigores da censura e da autocensura, vigentes especialmente na grande imprensa, alguns jornalistas resolveram fundar pequenos jornais, de tiragem irregular, usando técnicas quase artesanais de impressão. Nascia, assim, a “imprensa alternativa” ou “imprensa nanica”. (MACRAE, 2018. p.141)

Histórias, testemunhos, denúncias e memórias sobre a vida da sociedade gay nas décadas de 1970 e 1980 eram constantemente representados nas páginas denominadas *Lampiônicas* —

termo criado pela própria redação do *Lampião da Esquina* para designar sua equipe e suas práticas jornalísticas, adotado nesta pesquisa para se referir às laudas e às atividades de seus profissionais. Embora diversos vocábulos pejorativos fossem empregados socialmente para estigmatizar homossexuais e travestis, o jornal apropriou-se desses discursos como forma de resistência ao regime autoritário, dando centralidade a enunciados *Lampiônicos* protagonizados por sujeitos vítimas da violência. Esses relatos passaram a ocupar lugares de fala legitimados pelo periódico, nos quais se afirmava o direito à existência e à expressão por meio de performances dissidentes.

As edições do jornal enfrentaram severas restrições de circulação e forte rejeição no contexto repressivo da ditadura militar. Conforme destaca Judith Butler (2019, p. 368), quando determinados termos funcionam como insultos paralisantes e mecanismos de normatização de uma sexualidade patologizada, o sujeito interpelado torna-se emblema dessa violência simbólica. Nesse sentido, o trabalho do *Lampião da Esquina*, por meio de sua produção *Lampiônica*, consistiu em tensionar e ressignificar tais estigmas, difundindo informações críticas e promovendo denúncias sistemáticas contra o regime ditatorial em suas colunas jornalísticas.

Os jornalistas empenhavam-se em historicizar, por meio de textos e imagens, as experiências de sujeitos que escapavam às normas da cisgenerideade, marcados por dissidências comportamentais e posições sociais marginalizadas, vivendo sob constante repressão de seus corpos e discursos. Como apontam Peres e Toledo (2011), o emprego do termo *queer* consolidou-se como uma estratégia performativa frente ao insulto sexual — originalmente associado ao sentido de “estrano” ou “anormal” —, convertendo-o em um dispositivo de ação política. Tal dimensão política atravessa tanto as leituras contemporâneas quanto os registros preservados nas páginas *Lampiônicas* do jornal.

MATERIAIS E MÉTODOS

Neste estudo, exploram-se os arquivos *Lampiônicos* a partir de uma abordagem qualitativa sobre a sexualidade, fundamentada na teoria queer. Conforme assinalam Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln (2006), as pesquisas nesse campo inauguram uma nova fase no início da década de 1990, com a consolidação dos estudos queer. Ressalta-se, contudo, que, à época do lançamento do *Lampião da Esquina*, em 1978, o conceito ainda não estava

sistematizado teoricamente; apesar disso, experiências homossexuais, travestis e dissidências hoje compreendidas como não binárias já se manifestavam por meio de comportamentos, sexualidades e performances corporais. Em contextos contemporâneos marcados por tensões e retrocessos, comparáveis em certos aspectos aos anos de chumbo, observa-se que muitas das narrativas publicadas pelo jornal antecipavam noções de queer, estabelecendo diálogos com as atuais configurações identitárias, que compartilham traços semelhantes aos retratos registrados nas textualidades do periódico.

Como procedimento metodológico, utilizou-se a coleta de dados a partir de quarenta edições do *Lampião da Esquina*, disponíveis no acervo público do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC LGBTI+), as quais se encontram digitalizadas e acessíveis para consulta. A técnica adotada foi a Análise de Conteúdo, sistematizada por Laurence Bardin. Inicialmente, realizou-se a leitura flutuante do conjunto das edições, seguida da seleção de notícias e reportagens alinhadas ao objeto desta pesquisa, que consiste na representação de homossexuais e travestis no periódico. Após o mapeamento, os materiais foram examinados de forma aprofundada e serão apresentados ao longo deste trabalho (Bardin, 1977, p. 96).

RESULTADOS, DISCUSSÕES E DESDOBRAMENTOS LAMPIÔNICOS

Ao longo das leituras, evidenciou-se a forma como a sociedade do século passado percebia pessoas homossexuais e travestis, frequentemente classificadas como estranhas ou monstruosas em razão de características físicas, gestualidades ou modos de vestir — uma realidade que, em muitos aspectos, permanece vigente na atualidade. Paul B. Preciado problematiza essa questão de modo contundente, ao criticar discursos e perspectivas preconceituosas que ainda persistem nos campos social, médico e jurídico.

Eu, um corpo marcado pelo discurso médico e jurídico como “transexual”, caracterizado na maioria de seus diagnósticos psicanalíticos como sujeito de uma “metamorfose impossível”, situando-me, segundo a maioria de suas teorias, além da neurose, à beira ou mesmo na psicose, incapaz, segundo vocês, de resolver corretamente um complexo edipiano ou tendo sucumbido à inveja do pênis. Bem, é a partir dessa posição de doente mental da qual vocês me classificam, embora eu me dirija a vocês como o símio-humano de uma nova era. Eu sou o monstro que vos fala. O monstro que vocês construíram com seus discursos e suas práticas clínicas. Eu sou o monstro que se levanta do divã e fala, não como paciente, mas como cidadão, como seu monstruoso igual. (Preciado, 2022, p. 281)

Mesmo sob um rigoroso regime de censura imposto aos jornalistas, o *Lampião da Esquina* promoveu, ao longo da década de 1970, debates em torno da liberdade sexual,

configurando-se como um espaço contínuo de resistência. Em todas as suas edições, o jornal enfrentou o contexto repressivo vigente, a ponto de a própria imprensa questionar a existência de um periódico voltado à população homossexual.

Como exemplo, destaca-se a segunda edição, publicada em 25 de junho de 1978, cuja manchete — “*Homossexualismo: que coisa é essa?*” — evidencia a compreensão dominante à época, quando a homossexualidade era amplamente concebida como patologia ou enfermidade.

Figura 1: Matéria do Jornal Lamião da Esquina. Homossexualismo: que coisa é essa? Ed. nº2, 25 de junho de 1978.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott CEDOC LGBTI+

A supressão do termo “homossexualismo” e a problematização de seu conceito constituíram o eixo central dessa matéria de opinião, que também discutiu as causas e os efeitos da violência e da censura. O interesse residia, sobretudo, na forma como a expressão era socialmente reconhecida — “homossexualismo”, em vez de “homossexualidade” —, denominação que carrega um percurso histórico e científico marcado pela patologização.

Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não só é difícil, mas impossível e, com todo o avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações. Uma doença? Até alguns anos atrás, a medicina diria assim a esta página perguntava, prescrevendo como tratamento, por exemplo, aplicações “dos hormônios de que o paciente tivesse deficiência”, isto é, masculinos para os homens, femininos para as mulheres. Havia também o tratamento psiquiátrico da repulsão, pelo uso de eletrochoques no órgão genital do paciente. Processos até certo ponto simples, só que errados. O primeiro, ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos sexuais pelas pessoas do mesmo sexo e o segundo, malgrado a sua violência, condicionava o paciente a impotência, não há uma repulsão pelo ato sexual realizado “fora das normas”, como era previsto. (Lampião da Esquina, 1978. p. 2)

João Silvério Trevisan (2018), escritor *Lampião*, assinala que, por longo período, a atração por pessoas do mesmo sexo foi associada a desvios e doenças, evidenciando a demora da ciência em compreender a homossexualidade como uma dimensão legítima da sexualidade

humana. Tal equívoco esteve relacionado tanto à ignorância quanto a práticas clínicas inadequadas, tornando o tema particularmente sensível.

Travestis vítimas de violência simbólica e física também tiveram espaço nas reportagens do *Lampião da Esquina*, concedendo entrevistas que expunham suas experiências e condições de vida. Um desses relatos refere-se a Veruska, cuja trajetória foi apresentada na manchete da edição nº 10, publicada em março de 1979, evidenciando os impactos da exclusão e da repressão sobre corpos dissidentes.

Ao longo das edições do *Lampião da Esquina*, é possível identificar pelo menos quinze manchetes que abordam temas relacionados às travestis, explorados sob diferentes perspectivas. Esses corpos eram representados artisticamente, no cotidiano, culturalmente e de forma erótica, além de ganharem um caráter político ao confrontar o ódio gerado por uma estrutura machista e homofóbica. Nesse cenário, o jornal se consolidou como um veículo jornalístico inovador que, por meio da imprensa alternativa, ampliou os espaços de expressão para pessoas historicamente silenciadas, possibilitando a denúncia de abusos, violências e homicídios contra a comunidade LGBTQIAPN.

Figura 2: Capa e manchete. Matéria do Jornal Lampião da Esquina. TRAVESTIS! Quem atira a primeira pedra? Ed. nº 04, 25 de agosto de 1978.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott CEDOC LGBTI+

A Figura 2, da edição n.º 4 do Lampião da Esquina, lançada em 1978, exibe uma manchete em vermelho e em letras maiúsculas: “TRAVESTIS! “Quem atira a primeira pedra?” —, um recurso gráfico que amplifica o efeito visual da matéria. A reportagem elabora um ensaio visual a respeito da travesti brasileira, utilizando elementos como maquiagem, plumas, beijos e paetês, enquanto questiona as representações de gênero ligadas às figuras do “homem de todas as mulheres” e da “mulher de todos os homens”.

No texto original, o autor ultrapassa a descrição estética e analisa as condições de sobrevivência das travestis, destacando a rotina de trabalho exaustiva, a circulação por múltiplos espaços e a precariedade da remuneração, insuficiente para assegurar uma vida digna. A reportagem, assim, evidencia a posição marginalizada desses sujeitos e denuncia as desigualdades estruturais que atravessam suas experiências.

E como a onda não passou, ele explica, atualmente a exploração continua: para sobreviver, a maioria dos travestis tem que lazer cinco ou seis boates por noite e, quando consegue um cachê de Cr\$ 60,00, "é um privilegiado" - Salário de travesti é igual ao de gráfico de firma em decadência: está sempre descendo *Se eu vivesse só de shows, estava roubado*. Aqui no Brigitte Blair, mesmo sendo autor e ator do Show, ganho por mês Cr\$ 4 mil. E não me sujeito a trabalhar em boates porque acho um abuso. Por isso tenho minha profissão de esteticista, que até agora foi o que me deu tudo o que tenho. Fazer teatro por necessidade seria morrer de fome. Mas porque o pessoal que faz travesti entra nesse esquema de exploração e desrespeito e não quer sair dele? A conclusão a que se chega é que eles trabalham porque gostam, enquanto empresários como Brigitte Blair faturam alto. Para se ter uma idéia: seu teatro tem 150 lugares e o ingresso custa Cr\$ 100,00. Num mês há 32 espetáculos - oito por semana -; à média de 100 ingressos por espetáculo, Brigitte Blair fatura num mês Cr\$ 320 mil. Mas a sobrevivência do travesti ainda é ameaçada por outros problemas. Para a polícia, por exemplo, ele é uma espécie de marginal. A própria carteira de ator que a Censura Federal emite não tem nenhuma validade: - Já tive problemas, mas nunca mostrei minha carteira de ator, porque eles rasgam na cara da gente. Essa carteira só tem valor pra se conseguir trabalho, mas pra polícia não vale nada. Não é o caso de Jorge, mas muitos dos seus companheiros já foram presos pela Suate (apelido pomposo adotado pelos próprios policiais de boina preta que andam nos temíveis camburões). (Lampião, 1978, p.9)

O luxo ligado às performances travestis se opunha à precarização da vida, caracterizada por constantes batalhas pela sobrevivência e pela desvalorização do trabalho “transformista”, como era chamado na época, até mesmo por agentes policiais. Glamour e repressão coexistiam, expondo a opressão inerente ao olhar social direcionado ao fenômeno artístico travesti.

A declaração identitária, relacionada ao reconhecimento de si no gênero feminino, sujeitava travestis que se apresentavam como mulheres a constantes episódios de preconceito. A trajetória de Veruska, destacada na capa da edição n.º 10 do Lampião da Esquina, publicada em março de 1979, ilustra essa realidade.

Entre os temas em destaque no Lampião estava a entrevista de Clodovil Hernandez ao Lampião da Esquina, pois evidenciava as tensões entre visibilidade pública, dissidência de gênero e os mecanismos de preconceito e controle social que existiam nas décadas de 1970 e 1980. Clodovil, assim como as travestis apresentadas nas reportagens — que eram estetizadas, marginalizadas e violentadas ao mesmo tempo —, ocupava uma posição ambígua no espaço público. Ele era um homem homossexual visível, conhecido na mídia e respeitado profissionalmente, porém estava sempre sob vigilância, sendo alvo de ridicularização e ataques por desafiar os padrões de masculinidade heteronormativa.

Na entrevista dada ao Lampião da Esquina, Clodovil abordava, mesmo que com cautela, as contradições de ser um homossexual em destaque em uma sociedade altamente conservadora e autoritária. Sua carreira como estilista, artista e comunicador o mantinha em contato direto com o glamour, a moda e a performance — componentes igualmente presentes nas histórias sobre travestis divulgadas pelo jornal. No entanto, assim como essas personagens, Clodovil enfrentava consequências significativas por sua visibilidade: tornava-se alvo de censura, ataques morais e tentativas de rotular sua sexualidade como algo ridículo, exagerado ou inapropriado.

É nessa visibilidade paradoxal que se encontra a relevância de Clodovil Hernandez para o movimento homossexual da década de 1970. Apesar de não se posicionar abertamente como militante nos formatos dos movimentos organizados, sua presença frequente na mídia de massa simbolizava uma ruptura no regime de silêncio imposto às homossexualidades. Em um cenário em que o Lampião da Esquina batalhava para validar vozes dissidentes, Clodovil servia como evidência concreta de que indivíduos homossexuais eram capazes de ocupar posições de prestígio social, mesmo que sob constante tensão. Sua imagem pública ajudava a desconstruir estereótipos e expandir a percepção social sobre a homossexualidade, aproximando a discussão das questões de gênero, performatividade e reconhecimento.

Figura 3: Capa e manchete. Matéria do Jornal *Lampião da Esquina*. Felicidade deve ser ampla e irrestrita: Verushka vai à luta pelo direito de ir e vir. Ed. nº10, março de 1979.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott CEDOC LGBTI+

Em março de 1979, período marcado pelas festividades carnavalescas, a história de Verushka foi apresentada sob o signo de uma felicidade ampla e afirmativa. Sua imagem, publicada no jornal, destacava as curvas femininas de seu corpo, um olhar sedutor e um sorriso expressivo, compondo uma narrativa visual de celebração e autoafirmação.

Entretanto, o conflito central vivido pela protagonista dizia respeito à construção de sua identidade e às formas de expressão por meio do vestir. Verushka foi alvo de preconceitos e constrangimentos, entre os quais se destaca um episódio em que o síndico do edifício onde residia manifestou incômodo ao vê-la circular pelo prédio vestida como mulher, exigindo que adotasse trajes masculinos, como o uso de paletó.

[...] - Lá, ele me disse que não tinha nada contra mim, que me achava uma pessoa de comportamento exemplar, mas que ia ter que proibir minha entrada no prédio pelo elevador social se eu não passasse a usar roupas estritamente masculinas. "O que você entende por roupas estritamente masculinas? Ele disse: "São diferentes dessas que você usa". Eu tentei explicar que era Veruska, um artista, que tinha carteira da Censura Federal (de nº 0005), que tinha passado por um tratamento de hormônios, e que minha figura só seria chocante se, ao contrário, com o tipo feminino que eu tenho, passasse a usar paletó e gravata. Mas ele não quis ouvir explicações: "Quem manda no prédio sou eu, e eu quero moralizar isso aqui", gritou. Então eu lhe disse que quem ia tratar da questão era a minha advogada. (Lampião, 1979, p.3)

O caso Verushka configura-se como um dos diversos episódios marcados por procedimentos de caráter sacrificial associados às experiências de transição de gênero,

frequentemente anuladas por uma sociedade homofóbica empenhada em apagar tais existências em nome de um padrão considerado “correto” — lógica que, em muitos aspectos, permanece no século XXI. Essa leitura integra uma das análises críticas desenvolvidas neste estudo a partir das páginas do *Lampião da Esquina*, nas quais se evidencia que, embora pessoas trans ocupem espaços sociais, continuam sendo alvo de ridicularização e deslegitimação.

Nesse sentido, Judith Butler problematiza a forma como o travestismo é interpretado sob a ótica da heteronormatividade, criticando os pressupostos ideológicos que sustentam tais leituras e revelando os mecanismos de controle e exclusão que incidem sobre corpos e performances dissidentes.

Na melhor das hipóteses, ao que parece, o travestismo é um lugar de certa ambivalência, uma ambivalência que reflete a situação mais geral de estar implicado nos próprios regimes de poder a que se opõe. Afirmar que todo gênero é como se montar, ou como ser drag, é sugerir que a “imitação” está no próprio cerne do projeto heterossexual e de seus binarismos de gênero, que o travestismo não é uma imitação secundária que supõe um gênero anterior e original, mas que a heterossexualidade hegemônica é em si um esforço constante e reiterado de imitação de suas próprias idealizações. (Butler, 2019, p.221)

Durante o período em questão, a atuação de grupos conservadores e a proliferação de desinformação contribuíram para a mistura entre homossexualidade e transexualidade, que ainda não era reconhecida como uma experiência única nem relacionada às concepções atuais de identidade de gênero. A capa da edição de abril de 1981 do *Lampião da Esquina*, chamada “Bicha que virou mulher”, utilizava uma expressão popular da época como instrumento de crítica social, expondo perspectivas distorcidas e extremamente preconceituosas a respeito dessas identidades. Além disso, as colunas que acompanharam a reportagem discutiram as primeiras cirurgias de redesignação sexual realizadas no país, considerando a legislação em vigor na época. É importante ressaltar que, naquele período histórico, os termos “homossexualismo” e “transexualismo” eram comumente usados e frequentemente considerados equivalentes pelo senso comum.

Figura 4: Capa e charge da reportagem do jornal Lampião da Esquina. Homem/mulher: para virar tudo basta operar? Ed. nº 35, abril de 1981.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott

O *Lampião da Esquina* apresentou a seu público leitor uma cultura denominada “guei”, termo aportuguesado que expressava resistência à heteronormatividade e aos padrões culturais e políticos eurocêntricos e cisgêneros vigentes na década de 1980. Esse conceito emergiu em um contexto social marcado pela crescente visibilidade de pessoas então identificadas como “gueis”. Em 25 de junho de 1978, o jornal voltou a provocar o debate público com a manchete “*Homossexualismo: que coisa é essa?*”, questionando concepções hegemônicas em um cenário de censura no qual a homossexualidade era amplamente tratada como patologia.

Ajustar o homossexualismo a uma exata classificação genética, endócrina ou psíquica, não só é difícil, mas impossível e, com todo o avanço da ciência, ainda não se obteve uma definição de suas verdadeiras origens e motivações. Uma doença? Até alguns anos atrás, a medicina diria assim a esta página pergunta, prescrevendo como tratamento, por exemplo, aplicações “dos hormônios de que o paciente tivesse deficiência”, isto é, masculinos para os homens, femininos para as mulheres. Havia também o tratamento psiquiátrico da repulsão, pelo uso de eletrochoques no órgão genital do paciente. Processos até certo ponto simples, só que errados. O primeiro, ao contrário de suprir a discutível deficiência, incentivava os desejos性uais pelas pessoas do mesmo sexo e o segundo, malgrado a sua violência, condicionava o paciente a impotência, não há uma repulsão pelo ato sexual realizado “fora das normas”, como era previsto. (Lampião, 1978. p. 2)

Historicamente, o termo "homossexualismo" esteve associado a ideias patologizantes que justificaram a discriminação contra pessoas homossexuais, considerando o desejo entre pessoas do mesmo sexo como um desvio ou doença. Com o progresso científico, esse conceito foi substituído por "homossexualidade", que agora é reconhecida como uma expressão da diversidade humana (Trevisan, 2018). No Lampião da Esquina, a utilização do termo "guei",

posteriormente substituído por "gay", atuou como uma estratégia de afirmação identitária e política, mesmo diante da continuidade dos estigmas sociais.

Pelo menos gay era uma palavra inglesa e mais curta que *homossexual*. Esta foi a primeira vez que meu pai, minha mãe e eu ouvimos juntos a palavra *homossexualidade* — a palavra inteira, tão longa e tão contagiosa em si mesma. Na época, procurei a palavra no dicionário. Já tinha ouvido meu pai dizer as palavras bicha e sapata, mas nunca tínhamos sido, todos juntos, espectadores de um discurso no qual a palavra homossexualidade havia sido não só pronunciada, mas encarnada, representada pelo vírus. (Preciado, 2022, p.96)

Esses temas devem ser compreendidos não apenas como registros jornalísticos do *Lampião da Esquina*, mas como expressões de resistência e transformação social, vinculadas às lutas históricas das sexualidades dissidentes e de grupos marginalizados por reconhecimento e visibilidade. Conforme destaca Albuquerque Júnior (2014, p. 11), a partir de Michel Foucault, a aceitação da homossexualidade como “anormal” ou “doente” constitui uma forma de submissão aos discursos médico e jurídico que a patologizaram.

Com o avanço dos estudos de gênero e sexualidade, tais concepções passaram a ser progressivamente questionadas. Nesse contexto, a reportagem de abril de 1981 abordou as cirurgias de redesignação sexual sob o título “*Homem/mulher pra virar basta operar?*”, evidenciando dúvidas e debates então recorrentes, inclusive no âmbito político-institucional.

Brasília (agência Lampião) - A ablcação de órgãos genitais masculinos em indivíduos comprovadamente transexuais passa a ser legal, no país, de acordo com o projeto de lei aprovado pela Câmara dos Deputados, mas que ainda terá de ser examinado pelo Senado Federal, e depois, se ali também aprovado, receber a sanção presidencial. O projeto, de autoria do deputado José de Castro Coimbra (PDS-SP), e aprovado sem discussão, acrescenta ao art. 129 do Código Penal o seguinte parágrafo: "Não constitui fato punível a ablcação de órgãos e partes do corpo humano, quando considerada necessária em parecer unânime de junta médica e precedida de consentimento expresso de paciente maior e capaz." (Lampião, 1981. p. 5)

Apesar do início do reconhecimento da diferença entre homossexualidade e transexualidade, pessoas trans continuavam sendo mal interpretadas com frequência. Elas eram vistas como pessoas que rejeitavam o sexo atribuído ao nascer, em vez de serem entendidas como indivíduos cuja identidade de gênero não se alinhava com essa informação biológica. Além dessas visões limitadas, Judith Butler (2019) ressalta que práticas como o travestismo ou performances drag não garantem, por si só, a subversão das normas de gênero. Dependendo do contexto e da interpretação social, essas práticas podem tanto desestabilizar quanto reforçar padrões heteronormativos.

Nesse contexto, o Lampião da Esquina adotou uma postura crítica ao questionar a cobertura da mídia tradicional, especialmente a carioca, denunciando comentários machistas e homofóbicos que deturpavam as identidades sexuais. Um exemplo relevante aconteceu na edição de 11 de março, quando o jornal questionou a manchete do diário Carioca: “Sapatão vira homem e bicha vai ser mulher”. Essa manchete abordava de maneira sensacionalista o debate sobre um suposto projeto de lei relacionado à “troca de sexo”.

“SAPATÃO VIRA HOMEM E BICHA VAI SER MULHER”. Assim estampava, berrantemente, a edição de 11 de março do diário carioca, A Luta Democrática (A Hora do Povo do PDS carioca). À primeira vista tratava-se de mais uma galhofa da “Turma da Xavasca”, conto se auto-intitulam os integrantes desse jornaleco, mas na realidade a manchete referia-se à estranha aprovação, pela Câmara dos Deputados, do Projeto de Lei legalizando a ablcação de órgãos genitais masculinos, em indivíduos comprovadamente transexuais, de autoria do desconhecido deputado José de Castro Coimbra (PDSSP). (Lampião, 1981. p. 5)

A edição de 11 de março de 1981 do Lampião da Esquina destaca a homofobia que permeava a mídia daquele período, que tratava das questões de identidade de gênero de maneira sensacionalista e pejorativa. O jornal A Luta Democrática publicou manchetes como “Sapatão vira homem e bicha vai ser mulher”, que ridicularizavam a discussão de um projeto de lei sobre procedimentos de redesignação sexual. Essas manchetes transformavam as vivências trans em espetáculo e reforçavam estigmas sociais.

Nesse cenário, o Lampião da Esquina funcionou como um contraponto crítico ao expor essas práticas e afirmar a legitimidade das identidades homossexuais e transexuais. Ao fomentar a visibilidade e a reflexão, o jornal se estabeleceu como um espaço de resistência às normas cisgêneras e heteronormativas, lutando pelo reconhecimento social das identidades marginalizadas.

A compreensão dos textos do Lampião da Esquina pode ser feita por meio da arqueologia do saber de Michel Foucault, especialmente considerando o capítulo que aborda o a priori histórico e o arquivo. Nesse capítulo, Foucault redefine o conceito de arquivo, deslocando-o de uma perspectiva puramente documental para uma compreensão mais ampla, que o considera como o conjunto de condições que possibilitam determinados discursos em um dado período. Nesse contexto, o Lampião deve ser considerado não apenas um jornal alternativo, mas também um arquivo histórico-discursivo que compila, estrutura e traz à tona enunciados sobre sexualidades dissidentes em um período caracterizado pela censura, violência simbólica e normatização dos corpos durante a ditadura militar.

Segundo Foucault, o a priori histórico não é nem universal nem estático; ao contrário, estabelece “as regras de formação dos discursos” para cada período. O Lampião da Esquina torna essas regras visíveis ao tensioná-las: ao abordar homossexualidade, travestilidade, transexualidade, performatividade e identidade de gênero, o periódico desloca os discursos que são normalmente produzidos pelos saberes médico, jurídico e moral. Desse modo, o que antes era considerado desvio, doença ou crime passa a ser reconhecido como experiência, identidade e forma legítima de vida. Assim, o jornal funciona como um espaço de ruptura do regime de verdade predominante, expondo as disputas discursivas que formam o campo das sexualidades no final do século XX.

Quando visto como um arquivo, o Lampião da Esquina mantém não só eventos, mas também indicadores sociais, políticos e culturais que moldaram as experiências de indivíduos historicamente marginalizados. Suas reportagens, imagens e manchetes documentam práticas discursivas que desafiaram a ordem heteronormativa e cisgênera, gerando memória e resistência. Nesse contexto, preservar a memória do Lampião significa reconhecer sua importância como um arquivo foucaultiano: um conjunto de enunciados que permite entender como determinadas identidades foram silenciadas, contestadas e, simultaneamente, afirmadas. Portanto, o jornal continua sendo um espaço de conhecimento e resistência, essencial para a compreensão histórica das dissidências sexuais e de gênero no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, em um período histórico caracterizado pela repressão, censura e violência institucionalizada, o Lampião da Esquina se estabeleceu como um local essencial para a expressão e visibilidade de indivíduos homossexuais e trans. Durante suas publicações, o jornal quebrou o silêncio imposto às dissidências sexuais e de gênero, dando voz a vivências sistematicamente marginalizadas e ajudando a fortalecer identidades que buscavam ocupar o espaço público, mesmo frente a uma estrutura social autoritária, machista e homofóbica. Suas páginas confirmaram a presença de indivíduos historicamente negados, confrontando discursos que justificavam a exclusão, o desprezo e a morte.

A análise do Lampião da Esquina provoca uma reflexão sobre passado e presente, destacando as semelhanças e diferenças nas manifestações de violência e resistência. Apesar dos progressos legais e sociais alcançados desde os anos 1970, o Brasil continua sendo um dos países com maior incidência de violência contra a população LGBTQIAPN+. Esse contexto

demonstra que várias das estruturas de opressão denunciadas pelo jornal continuam em funcionamento, mesmo que tenham sido reconfiguradas. As narrativas ‘Lampiônicas’ mostraram que a luta por reconhecimento, dignidade e cidadania continua adaptando-se aos novos discursos de exclusão e práticas de abjeção que afetam corpos e subjetividades dissidentes.

Nesse contexto, o Lampião da Esquina deve ser entendido como um arquivo de valor histórico e patrimonial social, cuja conservação é fundamental para as pesquisas sobre gênero e sexualidade. Além de ser um repositório de informações, o jornal atua como um arquivo discursivo que documenta práticas de resistência, formas de existir e estratégias para enfrentar as normas heterocisnormativas. A preservação e a pesquisa desse acervo permitem a reativação de memórias silenciadas e o aprofundamento de debates críticos que ainda provocam desconforto e mudanças no campo social. Desse modo, o Lampião da Esquina continua sendo um patrimônio político, cultural e simbólico, fundamental para entender as trajetórias históricas das dissidências sexuais e de gênero no país.

Palavras Chaves: Arquivo; dissidência; gênero e sexualidades; Lampião da Esquina.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O descarado, a cara-metade, o rosto: Michel Foucault e a análise de discurso do movimento homossexual*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1, n. 1, p. 1–20, 2014. ISSN 2317-1006 (online).

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, P.96, 1977.

BUTLER, Judith. Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições, P. 368, 221, 2019.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. P. 352, 2006.

ESQUINA. Jornal Lampião da. **Felicidade deve ser ampla e irrestrita: Verushka vai à luta pelo direito de ir e vir.** ed. nº10, março de 1979. P. 01,03. Disponível em:

<https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/10-ed-jornal-lampiao-da-esquina-marco-1979/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=10&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F%3Fview_mode%3Dcards%26perpag>. Acesso em: 02 junho. 2025.

ESQUINA. **Jornal Lampião da. Homem/mulher: para virar tudo basta operar?** Ed. nº 35, abril de 1981. <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/35-ed-jornal-lampiao-da-esquina-abril-1981/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=35&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dcards%26paged%3D3%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D>. Acesso em: 02 junho. 2025.

ESQUINA. Jornal Lampião da. **Homossexualismo que coisa é essa?** ed. nº 2, junho/ julho de 1978. P. 02. Disponível em:

<https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/2-ed-jornal-lampiao-da-esquina-junho-julho-1978/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=2&source_list=collection&ref=%2F>. Acesso em: 01 junho. 2025.

ESQUINA. Jornal Lampião da. **TRAVESTIS! Quem atira a primeira pedra?** Ed. nº 04, 25 de agosto de 1978. <https://cedoc.grupodignidade.org.br/jornal-lampiao-da-esquina-1978-1981/4-ed-jornal-lampiao-da-esquina-agosto-setembro-1978/?perpage=12&order=ASC&orderby=date&pos=4&source_list=collection&ref=%2Fjornal-lampiao-da-esquina-1978-1981%2F%3Fperpage%3D12%26view_mode%3Dcards%26paged%3D1%26order%3DASC%26orderby%3Ddate%26fetch_only%3Dthumbnail%252Ccreation_date%252Ctitle%252Cdescription%26fetch_only_meta%3D> Acesso em: 02 junho. 2025.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

MACRAE, Edward. **O jornal Lampião da Esquina. In: A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da “abertura” [online]**. Salvador: EDUFBA, P. 141. 2018. Disponível em:

<<https://doi.org/10.7476/9788523219987.0011>>. Acesso em: 01 de maio. 2025.

PERES, W. S., & TOLEDO, L. G. **Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder**. Revista Psicologia Política, P. 263. 2011. Disponível em:

<https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200006> Acesso em: 02 de maio. 2025.

PRECIADO, Paul B. *Dysphoria mundi*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2022.

PRECIADO, Paul B. Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas Trad. de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, P. 281, 2022.

TREVISON, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 4^aed. Rio de Janeiro: Objetiva, P. 30, 2018.